POLÍTICA

Encrenca nas mãos de Albuquerque

Candidato já tinha cartazes com slogan de campanha 'Mais para o Porto Moniz' prontos a sair.

VICTOR HUGO
vhugo@dnoticias.pt

Miguel Albuquerque criou problema; Miguel Albuquerque que resolva. É neste ambiente de 'cortar à faca' que sai desabafos atrás de desabafos das hostes social-democratas depois de consumada a desistência de Marco Gonçalves como candidato à Câmara Municipal do Porto Moniz.

O ex-cabeça-de-lista sofrerá de síndrome vertiginoso, condição que se tem agravado nas últimas semanas ao ponto de estar há mais de uma semana e fora do PRODERAM, revelou fonte próxima de Miguel Albuquerque e daquele que foi dado como cabeça de lista social-democrata, mas que preferiu bater com a porta suscitando muita especulação em redor do actual gestor e nos principais órgãos do partido que foram apanhados de surpresa com a recusa.

A ganhar pontos nas mais variadas alas social-democratas estará uma eventual situação de insolvência que deixou estupefactos os mais acérrimos correligionários, considerando que se tal corresponder à verdade não só não terá condições para ser candidato como eticamente não terá condições para continuar no cargo que ocupa justamente por lidar com gestão de fundos comunitários.

Na verdade, as consequências previstas em legislação especial que regula a eleição dos titulares dos órgãos das autarquias locais, dispõe que "são inelegíveis para os órgãos das autarquias locais os falidos e insolventes, salvo se reabilitados".

Politicamente falando, em bom rigor, a concelhia nortenha nunca pensou nem indicou o filho do antigo presidente da Câmara, Jeremias de Sousa, para disputar a edilidade com Emanuel Câmara porque consideram que não tem capital político suficiente para amedrontar o socialista que está na autarquia há dois mandatos, daí a escolha recaísse em Dinarte Nunes.

O ainda vereador chegou a aceitar convite, mereceu até a bênção de Albuquerque, mas tudo descambou quando sofreu pressões políticas do líder do PSD-M para que aceitasse Raimundo Silva como número dois.

O nome de Raimundo foi sugerido por um influente correligionário do município por quem o presidente da Comissão Política tem estima ao contrário da maioria da concelhia.

A intransigência foi tal que Dinarte desistiu depois de ter chegado a apresentar-se nos adros das igrejas e à família que seria candidato. Um volte-face que não tem como ser remediado, afirmam, desde o Porto Moniz.

MARCO SOFRERÁ DE SÍNDROME VERTIGINOSO MAS NÃO SE LIVRA DAS ESPECULAÇÕES

Nesta embrulhada surge o nome de Marco Gonçalves que já tinha 'Mais para o Porto Moniz' como slogan nos cartazes e 'outdoors' que estariam na rua a partir de hoje. Obviamente ficam em armazém para mais tarde recordar.

Nomes

Nas diferentes 'casas de apostas' do PSD-M não existem muitos candidatos para se apostar. No entanto o primeiro que surge é o de Raimundo Silva. O antigo chefe de gabinete de Valter Correia sempre quis ser candidato. Até chegou a ser apontado como candidato pelo Chega e pelo JPP. Chegou a ser vaticinado numa candidatura independente caso não concretizasse as anteriores hipóteses.

Ontem falava-se com muita insistência no nome de Artur Lima, gestor da GESBA. Com menos probabilidade surgiu também o de Ambrósio Jardim, deputado municipal e advogado, a quem é apontado um caminho mais fácil dentro de quatro anos, isto é sem Emanuel Câmara pela frente.

O mesmo sucede a Henrique Silva, presidente da ADRAMA e presidente da Casa do Povo ou a Nélio Rodrigues, enfermeiro que saiu incompatibilizado.

Quem está fora desta corrida é Valter Correia. O deputado prefere antes sair de todos os cargos que ocupa do Partido a ter que voltar a ser (in)feliz na Câmara.

Por aqui se vê que o naipe de escolhas resumir-se-á a duas figuras, a menos que Albuquerque encontre alguém nomeado como era o caso de Marco, enquanto isso Emanuel vai fazendo campanha.

CHEGA quer abanar o poder que reina na Madeira

Apresentação dos candidatos autárquicos do Chega. FOTO RUI SILVA/ASPRESS

Com listas candidatas "à maioria" dos municípios, o grande desejo do CHEGA nas Autárquicas é "dar um abanão na estrutura de poder que reina na Madeira" e "mostrar que o Chega será indispensável no futuro, será uma solução incontornável para qualquer governo", declarou o líder do Partido, André Ventura, ontem, à chegada para o jantar de apresentação dos candidatos.

Na Madeira, pese embora o contexto político diferente do continente, o alvo é fazer "oposição ao sistema" e o objectivo igual ao resto do país: "Queremos ser a terceira política", reafirmou. Para tal importa

ANDRÉ VENTURA VEIO À REGIÃO APRESENTAR OS SEIS CABEÇAS DE LISTA AUTÁRQUICOS

"conseguir consolidar a posição em número de votos nacionais" e assim ficar logo atrás do PS e do PSD e "continuar a esmagar o BE e o PCP".

Na Região o líder nacional destacou o "bom indicador" que foi o resultado que o próprio obteve nas Presidenciais, onde foi o segundo candidato mais votado. O desejo é o CHEGA poder alcançar semelhante votação nas Autárquicas, que para André Ventura "ganham uma especial importância" por ser a primeira vez que será posto à prova com candidaturas locais, o que "vai ser interessante ver", referindo-se ao resultado, que pese embora assuma ser "muito difícil e muito ambicioso" comparativamente às Presidências, mantém que essa será a meta.

Assegurou ainda que tal como no continente, também na Madeira tem tido "muita gente a disponibilizar-se e a querer avançar e ser candidato pelo CHEGA".